



**CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III – GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

THALITA SILVA DE SOUZA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E ENSINO ATIVO: UMA ANÁLISE DAS PRESCRIÇÕES
PUBLICADAS NO BOLETIM GEOGRÁFICO (1960 – 1964).**

Guarabira/PB

2023

THALITA SILVA DE SOUZA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E ENSINO ATIVO: UMA ANÁLISE DAS PRESCRIÇÕES
PUBLICADAS NO BOLETIM GEOGRÁFICO (1960 – 1964).**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Angélica Mara de Lima Dias.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Metodologias do Ensino de Geografia

Guarabira/PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719g Souza, Thalita Silva de.
Geografia escolar e ensino ativo [manuscrito] : uma análise das prescrições publicadas no boletim geográfico (1960-1964) / Thalita Silva de Souza. - 2023.
49 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Coordenação do Curso de Geografia - CH."
1. Geografia. 2. Método de ensino ativo. 3. Ensino Secundário. I. Título

21. ed. CDD 910

THALITA SILVA DE SOUZA

**GEOGRAFIA ESCOLAR E ENSINO ATIVO: UMA ANÁLISE DAS
PRESCRIÇÕES PÚBLICADAS NO BOLETIM GEOGRÁFICO (1960-1964)**

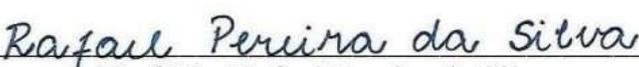
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC – Monografia) apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de Pesquisa: Metodologias do Ensino de Geografia.

Aprovada em: 29/06/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Rafael Pereira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Dr.^a Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos que me apoiaram e me incentivaram até aqui, minha família, amigos pessoas, amigos de curso e, em especial, a minha orientadora que sempre acreditou e me motivou.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por tudo que vêm proporcionando em minha vida e, principalmente, por me dar forças, sabedoria e persistência.

A minha família por todo apoio e incentivo na vida acadêmica, em especial a minha mãe, Rosa Maria, que sempre procurou me ajudar, mesmo não sabendo como, mas dava seu jeito, como por exemplo, o dia em que precisei gravar um vídeo aula e, ela passou o dia fora de casa para que eu fazer sem nenhum barulho ao fundo. São nesses pequenos gestos que enxergo seu carinho e preocupação para comigo.

A minha orientadora, Angélica Dias, que se faz presente em minha vida acadêmica desde o primeiro período, agradeço por todo ensinamento, experiências, cuidado, incentivo e paciência. És uma inspiração, exemplo de força, determinação e exemplo de mulher. Obrigada por ser além de uma orientadora, mas também uma amiga que nos ouve, aconselha e sempre se preocupa. Sou muito grata pela oportunidade que você me deu de participar do PIBIC, mesmo sendo uma experiência difícil, foi fundamental para meu amadurecimento acadêmico.

A todo o corpo docente do curso de Geografia do Campus III – Guarabira que, contribuíram e agregaram na minha formação com seus conhecimentos e ensinamentos durante as aulas em sala de aula e, também, em campo.

As minhas primas Raquel Souza e Gisele Gonçalves por serem presentes e por sempre procurar me incentivar e apoiar. As minhas amigas pessoais que, de certo modo, foram importantes nessa minha caminhada, dentre elas Aline Avelino que também era do mesmo Campus e pudemos compartilhar momentos únicos dentro da Universidade deixando tudo mais leve. Vitória Cruz por também ser presente e me motivar a ser sempre uma pessoa melhor. Minha amiga Clara Keyla por sempre ouvir minhas reclamações e desesperos das atividades acadêmicas.

Aos bons amigos que fiz durante a graduação e que marcaram a minha vida durante esses quase 5 anos, por cada momento vivido dentro e fora do Campus, tudo estará sempre registrado em minha memória. Dentre essas pessoas vale ressaltar os incentivos que sempre recebi de João Marcelo, os conselhos de Eduardo Costa, a cumplicidade de Tiago Jorge, as boas

risadas ao lado de Maria Vitória e Rawanny que me ajudavam a desopilar dos estresses diários e aos colegas da turma 2019.2.

Ao grupo de pesquisa LABORGEO, o qual me proporcionou experiências únicas e incríveis, além de contribuir para a minha formação e meu amadurecimento acadêmico e pessoal.

Em especial, a minha parceira, cúmplice, dupla e, principalmente, amiga, Vitória Dias. Meus dias na UEPB sem você jamais iriam ser os mesmos, serei eternamente grata a Deus por ter cruzado o meu caminho com o seu. Juntas desde o primeiro período, quantas memórias, quantas risadas, discussões, ensinamentos e experiências vividas juntas. Lembrarei de cada momento que passamos uma ao lado da outra, desde as horas perdidas observando as placas espalhadas nos corredores e as risadas bestas, aos minutos de nervosismos antes da apresentação de algum seminário. Você foi essencial nessa minha caminhada!

Em hipótese alguma eu poderia esquecer de mencionar o meu grupo, composto por mim, Vitória Dias e mais 4 meninas mulheres incríveis que chegaram para somar. Sem vocês, eu tenho certeza de que esse curso não seria o mesmo, a força da nossa amizade foi o principal combustível para fazer com que eu chegasse até aqui hoje, quantas vezes no auge do desespero não pensamos em desistir de tudo, mas sempre uma chegava nos dando motivo para continuar, nos oferecendo ajuda e pedindo paciência porque no final sempre daria certo e deu certo. Euribia Gabryella (Bia) com seu jeito meigo e doce que nos acolhe e sempre ressalta o valor da nossa amizade, Hayanne Elias a que fala tudo que vem na mente, “eu falo mesmo”, mas que tem um coração mole e bondoso, Luciara Santos com sua risada contagiante que sempre procura ver o lado bom das coisas e Maynara Olegário (Nara) que sempre sorri das nossas loucuras, mas que é centrada e dedicada. Vocês foram essenciais durante esses anos que passamos juntas, tem um pouquinho de cada uma de vocês dentro de mim. Amo cada uma de vocês!

Obrigada!

Olhe sempre para a frente, mantenha o olhar fixo
no que está adiante de você. Veja bem por onde
anda, e os seus passos serão seguros.

(Provérbios 4:25, 26)

RESUMO

O ensino de Geografia em conjunto com o método de ensino ativo pode contribuir para o fortalecimento da formação do aluno enquanto cidadão. Desse modo, esta monografia se aporta nas investigações historiográficas realizadas através do periódico *Boletim Geográfico*, organizado e publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE durante o período de 1943 - 1978, atualmente disponível em sua biblioteca *on-line*. O intuito foi identificar e descrever escritos que abordassem a Geografia para o ensino secundário por meio do método de ensino ativo, que é introduzido no Brasil através dos ideais da Escola Nova em meados da década de 1920. Na metodologia nos aportamos na pesquisa qualitativa e análise documental e nos debruçamos na seleção e catalogação de dados no periódico *Boletim Geográfico*, sendo esta nossa principal fonte histórica de pesquisa. Diante disso, realizamos um levantamento de artigos publicados durante a década de 1960, período este que mais houve publicações na seção de “*Contribuição ao Ensino*” no periódico supracitado, para a Geografia escolar. No total destacamos 14 artigos, dentre eles, 4 foram selecionados para maior análise de suas contribuições para o ensino de Geografia. Estes abordam temáticas relacionadas aos objetivos da Geografia no ensino secundário, a importância dos planos de aula, assim como as atividades extraclasse por meio do método de ensino ativo. A partir do levantamento bibliográfico de autores que tratam a temática de pesquisa, destacamos aqui no nosso aporte teórico Albuquerque (2021), Castro (1943), Dias (2021), Lourenço Filho (2002), Preve (1989) e Castro (1943). Em suma, o periódico analisado, se mostra como um documento valioso para os estudos historiográficos da Geografia escolar, capaz de evidenciar interesses voltados ao ensino desta disciplina.

Palavras-chave: Geografia; Método de ensino ativo; Ensino secundário.

ABSTRACT

The teaching of Geography in conjunction with the active teaching method can contribute to the strengthening of the formation of the student as a citizen. Thus, this monograph is based on historiographic investigations carried out through the periodical *Boletim Geográfico*, organized and published by the Brazilian Institute of Geography and Statistics - IBGE during the period 1943 - 1978, currently available in its online library. The purpose was to identify and describe writings that approached Geography for secondary education through the active teaching method, which was introduced in Brazil through the ideals of the New School in the mid-1920s. In the methodology, we used qualitative research and document analysis and focused on the selection and cataloging of data in the periodical *Boletim Geográfico*, which was our main historical research source. In view of this, we carried out a survey of articles published during the 1960s, the period when there were more publications in the "Contribution to Teaching" section of the above-mentioned periodical, for school Geography. In total, we highlighted 14 articles, among them, 4 were selected for further analysis of their contributions to the teaching of Geography. These articles address themes related to the objectives of Geography in high school, the importance of lesson plans, as well as out-of-class activities through the active teaching method. From the bibliographical survey of authors who deal with the research theme, we highlight Albuquerque (2021), Castro (1943), Dias (2021), Lourenço Filho (2002), Preve (1989) and Castro (1943). In short, the analyzed periodical shows itself as a valuable document for historiographical studies of school Geography, capable of evidencing interests focused on the teaching of this discipline.

Keywords: Geography; Active teaching method; High school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 e 2: Capa e Sumário do Boletim Geográfico (1960).....	22
Figura 3: Quando o aluno de Geografia se habitua	27
Figura 4: Quadro sinóptico	31
Figura 7: Exemplos das atividades extraclasse	36
Figura 8: Esquema do clube de Geografia	41
Figura 9: Vantagens do uso da imagem no ciclo docente.....	44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplificação de assuntos para a Geografia no ensino secundário	29
Quadro 2: Organização do clube de Geografia.	37
Quadro 3: As fases para a organização da bibliografia geográfica	39
Quadro 4: Organização da imprensa escolar do Ginásio Brigadeiro Schort	40
Quadro 5: Seções do jornal escolar do Ginásio Brigadeiro Schort	40
Quadro 6: Artigos publicados no Boletim Geográfico com abordagem do ensino ativo para Geografia.....	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR E O ENSINO ATIVO.....	16
2.2 O PERIÓDICO BOLETIM GEOGRÁFICO	18
3. METODOLOGIA	24
4. A GEOGRAFIA ESCOLAR E O MÉTODO DE ENSINO ATIVO A PARTIR DO BOLETIM GEOGRÁFICO (1960 – 1964).....	26
4.1 A GEGORAFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO.....	26
4.2 O MÉTODO DE ENSINO ATIVO NO/PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
FONTES.....	50

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas de 1960 e 1970, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, órgão de pesquisa geográfica diretamente ligado ao poder do Estado criado na década de 1930, despontou como um dos núcleos difusores da Geografia quantitativa brasileira (LAMEGO, 2014). Desta forma, destacamos a articulação entre este instituto de pesquisa e a esfera política nacional.

O IBGE, mesmo sendo um órgão para pesquisadores, organizou publicações relevantes como o *Boletim Geográfico* (1943 – 1978) e a *Revista Brasileira de Geografia* (criada em 1939 e ainda em circulação). Ambos os periódicos tinham a dupla função de promover as políticas territoriais do país e a de divulgar as prescrições e métodos modernos de se ensinar Geografia.

Assim, no que se refere ao ensino de Geografia, o *Boletim Geográfico* durante seu período de circulação, abriu espaço para que pesquisadores, professores e outros intelectuais publicassem artigos com o intuito de incentivar o uso métodos modernos de ensino-aprendizagem, em destaque para o ensino ativo, visando a superação do tradicionalismo baseado no método mnemônico. Diante o exposto, utilizamos o periódico *Boletim Geográfico* como fonte de pesquisa, tendo como recorte temporal os anos de 1960 – 1964, período que em suas prescrições encontramos artigos que abordam a importância do ensino ativo nas aulas de Geografia.

Vale ressaltar que o primeiro contato com o *Boletim Geográfico* ocorreu através da participação como voluntária no projeto *A Contribuição do Periódico Boletim Geográfico na Formação de Professores de Geografia (1943 – 1978)* aprovado na cota 2021 – 2022 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Geografia Escolar (LABORGEIO/UEPB). Desse modo, durante as catalogações do projeto PIBIC, percebemos que a década 1960 foi o período em que mais houve publicações para o ensino de Geografia, com propostas que se baseavam no método de ensino ativo.

Com isso, na presente pesquisa, analisamos como o ensino ativo era prescrito para a Geografia escolar nos primeiros anos da década de 1960 a partir do periódico *Boletim Geográfico*. Assim, para a realização desta pesquisa, fizemos um levantamento de artigos entre os anos de 1960 à 1964 do referido periódico. Desta forma, este trabalho busca contribuir para a comunidade acadêmica, principalmente, ao curso de Geografia, além

disso, evidenciar a importância da pesquisa historiográfica para o fortalecimento e enriquecimento do conhecimento acadêmico dos discentes durante a graduação.

Portanto, para uma melhor compreensão da leitura, o trabalho ficou organizado da seguinte forma: após este tópico introdutório apresentamos no referencial teórico a discussão sobre o tema em questão, destacando a história do método de ensino ativo e da Geografia escolar, bem como apresentamos o *Boletim Geográfico* enquanto fonte de pesquisa. Posteriormente, apresentamos a metodologia e nossas análises feita por meio do periódico em tela. Por fim, abordamos nossas considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico, abordaremos perspectivas sobre o ensino de Geografia e o método de ensino ativo e suas contribuições para o ensino secundário. Além disso, discutiremos como o periódico *Boletim Geográfico* enquanto fonte de pesquisa se mostra relevante para que tenhamos conhecimento sobre a história da Geografia escolar.

2.1 A GEOGRAFIA ESCOLAR E O ENSINO ATIVO

Na década de 1930, os ideais da Escola Nova entusiasmavam parte dos intelectuais brasileiros, difundindo fundamentos que subsidiavam a prática do professor, reivindicando para si a apropriação da denominação novo e moderno, fazendo que todos os saberes concorrentes fossem vistos como pedagogia tradicional (SANTOS, 2005).

Neste cenário, as inovações propostas pelo escolanovismo estiveram efetivamente associadas ao movimento de modernização da sociedade brasileira. Segundo Kulesza (2002, s/p) o movimento renovador da década de 1930 ocorreu “numa conjuntura de construção e consolidação do Estado capitalista burguês” (KULESZA, 2002, s/p), uma vez que “[...] a educação escolar não era outrora sentida como necessária a todos os grupos sociais, mas apenas alguns deles” (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 221). Desse modo, fica ainda evidente a articulação do ensino com o mundo do trabalho.

Segundo Dias (2021) esta articulação é expressa nas ideias de John Dewey (1959) que acreditava serem as transformações sociais e econômicas inexoráveis e inquestionáveis e, conectadas à escola. Estas acabam por afetar a vida familiar e impor a necessidade de trabalho colaborativo, ou seja, trabalhar em benefício da coletividade. Para Dewey (1959), a escola considerada como pequena sociedade, deve exercitar a cooperação social, o que não exclui a educação individual.

De acordo com Lourenço Filho (2002), desde o século XVII era debatida uma revisão nas bases de ensino, partindo de ideias sobre as formas de aprender por meio da observação e experimentação em contraposição ao ensino baseado exclusivamente na memorização. Assim, pensadores como Pestalozzi (1746-1827) acreditavam que a educação se fazia por desenvolvimento natural e defendiam que era necessário esquecer o ensino livresco e tornar o aluno mais visível, explorando a sua imaginação. A vista disto, Vidal de La Blache abordou que

“E' fácil ensinar por meio de livros e de palavras, porém, em geografia é mais proveitoso ensinar por figuras, por objetos, por coisas. O menino tem faculdades de observação muitíssimo mais desenvolvidas do que as suas faculdades de elocução e expressão; por isso convém fornecer-lhe maior material de observação, muito maior número de realidade do que jamais poderá decorar.” (BOLETIM GEOGRAFICO, n°12, 1944, p. 11).

Nesse sentido, Froebel (1782-1852) defendia que o aluno não deveria ser enxergado como um ser moldável e, sim como um ser ativo sujeito a um processo de desenvolvimento (LOURENÇO FILHO, 2002). É a partir dessas concepções que nasce um novo modelo de escola e ensino, esses estudiosos foram os precursores dos princípios que orientaram na configuração para um ensino ativo. Desta forma, Saviani (1991 *apud* ALBUQUERQUE, 2021, p. 50) define o ensino ativo como uma “teoria pedagógica que considera que o importante não é apenas o aprender, mas o aprender a aprender”.

No que se refere a renovação didática proposta pelo ideário escolanovista, John Dewey (1959),

a escola ativa, em seu conjunto de inovações, envolveu a globalização do ensino entendido como desenvolvimento do programa com base em centros de interesse, métodos de projetos ou outras formas de integração das matérias, a utilização de atividades diversificadas, a realização de excursões, a utilização de salas-ambiente, a prática de atividades agrícolas e outras ações que rompiam com a rotina da sala de aula (SOUZA, 2008, p. 80).

Segundo Dias (2021) o caráter prático que passa a ter a escola, concebe-a como escola do trabalhador. Nessa perspectiva, outras finalidades também se estabelecem para a escola como um todo e com especificidades para as disciplinas, para o ensino de História e Geografia, por exemplo, o desenvolvimento dos sentimentos de nacionalidade e patriotismo se torna central. Do ponto de vista metodológico, “o ensino de Geografia tinha início pelo reconhecimento do meio mais próximo da criança – a sala de aula, a escola, o bairro, a cidade - e evoluía para a representação gráfica, valorizando as riquezas do país [...]” (SOUZA, 2008, p. 68).

O ensino ativo de Geografia proposto por Dewey, veio a corroborar com as críticas feitas a esta disciplina, mesmo antes do advento da Escola Nova, que carrega consigo práticas que sobrevalorizavam a memorização e listas de nomenclaturas e seguia uma vertente europeizada, portanto, se fazia urgente uma Geografia pátria, que difundiria o sentimento patriótico e colaboraria com a construção de uma identidade nacional. (ALBUQUERQUE, 2011).

Envolvido pelos ideais reformadores e objetivando a renovação das práticas de ensino de geografia na escola, destaca-se a figura de Delgado de Carvalho, lente do

Colégio Pedro II. Seguindo uma vertente patriótica, mas imbuído de ideias educacionais renovadas, Delgado de Carvalho foi defensor não só de uma Geografia brasileira, mas também da renovação de métodos específicos de ensino em sala de aula. De acordo com Zanatta (2013) Delgado de Carvalho teve seu pensamento fortemente influenciado por Dewey e sua participação como signatário da Escola Nova foi fundamental para a difusão da Geografia moderna e para seu reconhecimento oficial da disciplina nos currículos escolares.

Vale salientar que a orientação moderna da Geografia escolar, baseando-se no movimento Escola Nova, buscou inaugurar o “ensino de geografia por práticas” (SILVA, 2012) especificamente associadas às temáticas da natureza. As recomendações metodológicas feitas por este autor se apoiavam na perspectiva dos círculos concêntricos, para tanto, era preciso ensinar a criança iniciando por assuntos mais próximos e ir alargando gradualmente o horizonte de aprendizado (DIAS, 2021).

Para Jonh Dewey (1959, p. 232 – 233) a Geografia:

[...] é matéria que apela essencialmente para a imaginação – até mesmo para um certo romantismo. Ela traz o prestígio maravilhoso que se associa às aventuras, às viagens e às explorações. A variedade de povos e ambientes, seu contraste com as cenas que nos são familiares, fornecem intensos estímulos, sacodem o espírito, fazendo-o sair da monotonia das coisas corriqueiras. E ao mesmo tempo em que a Geografia local ou de nossa pátria é o ponto de partida natural para o desenvolvimento reconstrutivo do ambiente natural, é também o ponto de partida intelectual para nós mergulharmos no desconhecido, e não no fim em si mesmo.

Para Bastos (2005, p. 271) o ensino de Geografia em um contexto de ensino ativo é importante uma vez que que esta matéria por si “se presta à globalização, um dos princípios da escola ativa, servindo de ponto de partida às demais atividades”. Ainda para a autora, esta matéria, no entanto, por vezes é colocada como secundária no currículo ou programa de ensino por “falta de compreensão de seus valores e preparo insuficiente dos professores”. Nesse sentido, as revistas pedagógicas e outros periódicos especializados assumiram papel relevante no que se refere às orientações para instrumentalização do ensino de Geografia nas escolas, como é o caso do *Boletim Geográfico* que iremos tratar no tópico a seguir.

2.2 O PERIÓDICO BOLETIM GEOGRÁFICO

A “Revolução de 1930”, responsável por inaugurar a Era Vargas¹, foi um marco fundamental para o surgimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo em vista que o contexto político perpassou por um momento de transformação na estrutura governamental, a qual, órgãos antigos ganharam novas ações (ABRANTES, 2014). Além do IBGE, vale salientar a criação de instituições como a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Companhia Vale do Rio Doce (CRVD), a Hidrelétrica do Vale do São Francisco (CHESF), assim como também a Petrobrás e Eletrobrás.

Sendo assim, a partir de 1930 mudanças significativas começaram a ocorrer no território brasileiro, embora o regime político continuasse autoritário e centralizador. O Estado tinha o firme propósito de se modernizar. E, embora o poder central continuasse se utilizando das oligarquias agrárias regionais cooptando-as através de favorecimentos, o Governo Vargas passou a ser o legítimo representante da emergente burguesia industrial (COSTA e FARIAS, 2009). Para os autores citados, no contexto internacional da crise de 1929 os Estados capitalistas centrais aderiram à fase do planejamento estatal como forma de retomar o crescimento econômico.

O Brasil, passou a elaborar planos de desenvolvimento para sua economia e a criar órgão de regulamentação, de controle e de fomento para estimular o progresso da nação:

Dentre esses órgãos merece destaque a criação do Conselho Nacional de Geografia e do Instituto Nacional de Estatística em 1934, os quais foram transformados em um único órgão no ano de 1942, tornando-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (COSTA e FARIAS, 2009, p. 2).

Inicialmente, o CNG (Conselho Nacional de Geografia) tinha como finalidade a criação de mapas territoriais para os levantamentos censitários, posteriormente, percebeu-se que essas pesquisas deveriam ser ampliadas no ramo da Geografia, por isso, houve um “desenvolvimento sistemático dos estudos sobre o meio geográfico e a atividade humana, o IBGE criou, em 1939, um centro de estudos destinado a coordenar e estimular pesquisas empreendidas por seus geógrafos” (ABRANTES, 2014, p. 4). Dessa forma, com o movimento de renovação, foi firmado novos princípios para os estudos geográficos, além disso, o CNG ficou responsável por elaborar novos cursos especializados para os técnicos que faziam parte da equipe do Conselho Nacional de Geografia.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que, foi criado em 6 de julho de 1934 através do Decreto n. 24.609 denominado como Instituto Nacional de Estatística (INE). Posteriormente, em 26 de janeiro de 1938, por meio do Decreto-lei n°

¹ Período que vai de 1930 – 1945 no qual teve a frente da presidência do Brasil a figura de Getúlio Vargas.

218, muda o nome para o atual nome do IBGE, a qual, se institui com o objetivo de produzir conhecimentos sobre o território nacional. Além disso, é importante salientar que apesar da veiculação de importantes textos sobre ensino, esse não é um objetivo ou competência do IBGE. Para Andrade (1987, p. 91) este órgão:

[...] não foi apenas uma escola de formação de geógrafos; ele forneceu aos mesmos condições de maior segurança em seu trabalho. Assim, foi feito pelo Conselho Nacional de Cartografia o levantamento cartográfico do país, de que resultou a publicação do Atlas do Brasil ao milionésimo, como também deu maior consistência e uniformidade às estatísticas. Realizando os recenseamentos populacionais e econômicos decenais -1940, 1950, 1960 etc. – e publicando o Anuário Estatístico do Brasil. Serviu este órgão técnico de consulta para o Poder Central e fez [...] a política do poder, contribuindo, inclusive, para a escolha do local em que se construiria a nova capital do País – Brasília.

Diante do exposto, é compreensível que o surgimento das pesquisas de cunho geográfico, bem como a institucionalização dos cursos superiores de formação de professores de Geografia e associações profissionais não se deram por acaso na década de 1930 no Brasil. O ensino de Geografia no Brasil se institucionaliza nos currículos escolares no século XX, mais precisamente no ano de 1937 (ROCHA, 2014) no Colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro. Segundo Dantas e Barbosa (2011, p. 11) “o principal objetivo de fazer uso dos conhecimentos geográficos para a formação política de uma camada da elite brasileira que pretendia se inserir nos cargos políticos e nas demais atividades a ele relacionadas”.

Nesse sentido, de constituição de uma Geografia científica e moderna no Brasil, o IBGE, por sua ligação com a Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), não só teve grande parte do(a)s geógrafo(a)s recém-formados na referida universidade trabalhando no instituto, como também recorria a seus professores para ministrar cursos de férias para os professores do ensino secundário (DANTAS e MEDEIROS, 2011). Segundo Camargo (2009, p. 27), estes cursos “congregavam e atualizavam os professores da rede básica e vulgarizavam as conclusões das pesquisas geográficas”. Para o autor, por esses e outros motivos, o IBGE ocupou posição central na formação profissional e nas reflexões sobre a prática de ensino da Geografia.

Sendo assim, enquanto órgão oficial de Geografia, o IBGE contribui não só com o desenvolvimento de pesquisas, mas também com a produção de materiais didáticos – como mapas escolares, produção de cursos para professores do ensino secundário e a publicação de periódicos como o *Boletim Geográfico* (1943 – 1978) e a *Revista Brasileira de Geografia* (criada em 1939 e ainda em circulação). Por muito tempo, estes periódicos

foram os principais meios de divulgação do conhecimento geográfico no país, seus textos compunham a ementa dos cursos de formação de professores de Geografia nas universidades e nas secretarias de ensino (LOPES, 2019).

No entanto, de acordo com Preve (1989, p. 91) “a única publicação do IBGE, no grupo dos periódicos, que manteve, e isso por algumas décadas, uma preocupação constante com o professor de Geografia, no campo da metodologia de ensino foi o *Boletim Geográfico*”. Além disso, vale ressaltar que na década de 1960, foi o período em que mais houve publicações relacionadas aos métodos de ensino, uma vez que neste período “começava-se a exigir dos professores planos de ensino mais elaborados no sentido técnico” (PREVE, 1989, p. 186).

O *Boletim Geográfico* foi criado no ano de 1943 pelo Conselho Nacional de Geografia, inicialmente foi denominado como *Boletim do Conselho Nacional de Geografia*, porém no mesmo ano passou a ser chamado de *Boletim Geográfico*. De acordo com Karol (2016, p. 1) “o primeiro número foi publicado em abril de 1943. De um veículo de informação mensal (1943-1951), passou a bimestral (1952-1974) e findou com a periodicidade trimestral (1975-1978)”.

Em suas publicações se “[...] estendeu suas notícias, informações, contribuições e comentários a todos os fatos da geografia nacional, além de oferecer dados valiosos de interesse geral” (CASTRO, 1943, p. 3). A vista disso, o mesmo autor destaca que,

Demais, de tal modo se difundiu e se generalizou o Boletim, que merecia um designativo adequado, a lhe dar, a bem dizer, nome próprio, ao envés do indicativo do editor - proprietário, que a não ser por indução lhe denunciava o objeto. ' Agora não, no título de Boletim Geográfico está dito por inteiro o seu programa de divulgação, o seu objeto, enquanto que, no subtítulo "mensário do Conselho Nacional de Geografia", se evidenciam o ritmo e a responsabilidade da elaboração, conjugando título e subtítulo as características fundamentais do periódico mensal (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 4, 1943, p. 3).

O *Boletim Geográfico*, portanto, trata-se de um mensário de informações especialmente dedicado aos professores de Geografia, o qual contém,

[...] além de colaborações originais, transcrições de trabalhos esgotados, estampados anteriormente em publicações de pequena circulação ou esparsos em periódicos. um farto noticiário e uma ampla secção de informações bibliográficas, sempre da mais alta valia e interesse para os que se dedicam ao ensino [...] (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 25, 1945, p. 50).

Além disso, vale ressaltar que este periódico é dividido em seções, as quais contém diversos artigos e noticiários associados à Geografia. De acordo com Preve (1989, p. 127),

[...] compõem-no uma parte introdutória enfeixando selecionado conjunto de editoriais, comentários, transcrições, resenhas e contribuições especializadas e mais quatro alentadas secções que o tornam a um tempo cultural, informativo, noticioso, bibliográfico e equilibrada distribuição de valiosas e oportunas divulgações.

Na década de 1960, que é o recorte temporal foco desta pesquisa, se destacam nomes importantes entre professores e pesquisadores da Geografia, que publicaram na seção “Contribuição ao Ensino” do *Boletim Geográfico*, dentre esses nomes, podemos destacar Antônio Teixeira Guerra (diretor responsável pela divisão de Geografia do *Boletim Geográfico*).

A seguir, apresentamos duas figuras que tratam de elementos materiais do *Boletim Geográfico*. A primeira (Figura 1) é a capa do *Boletim Geográfico*, edição publicada no ano de 1960, nos meses de julho – agosto de nº 157. A segunda (Figura 2) apresenta a organização do sumário da respectiva edição.

Figuras 1: Capa do *Boletim Geográfico* (1960)

BOLETIM GEOGRÁFICO

INFORMAÇÕES
NOTÍCIAS
BIBLIOGRAFIA
LEGISLAÇÃO



CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

Fonte: *Boletim Geográfico* (1960).

Figuras 2: Sumário do *Boletim Geográfico* (1960)

BOLETIM GEOGRÁFICO

ANO XVIII | JULHO-AGOSTO DE 1960 | N.º 157

Sumário

EDITORIAL: XIX Congresso Internacional de Geografia — ANTONIO TEIXEIRA GUERRA (p. 549).

TRANSCRIÇÕES: A Geografia no Século XIX — GEORGE TATHAM (p. 551) — Brasília — JACQUES R. BOUDEVILLE (p. 578).

CONTRIBUIÇÃO À CIÊNCIA GEOGRÁFICA: Espeleologia — JEAN CHRISTINAT (p. 581) — A Vida Criadora de Rocha — FUAD ATALA (p. 619) — A República do Camerum — PIMENTEL GOMES (p. 621) — Raimos Geográficos do Urugal — TEN. CEL. DARCY ALVARES NOLLE (p. 624) — Lima — PIMENTEL GOMES (p. 648).

CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO: O Ensino de Cartografia e da Geografia Física Através do Filme — ANTONIO TEIXEIRA GUERRA (p. 650) — Cartografia e Rotas Aéreas — LINTON FERREIRA DE BARROS (p. 661) — Programa de Geografia (p. 703).

NOTICIÁRIO: Capital Federal — Presidência da República (p. 709) — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (p. 711) — Instituições Particulares — Associação dos Geógrafos Brasileiros (p. 713) — Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (p. 719) — Certames — Segundo Encontro dos Biopos do Nordeste (p. 719) — Faculdade Nacional de Filosofia (p. 720) — X Congresso Pan-Americano de Estradas de Ferro (p. 720) — Simpósio sobre O Brasil (p. 720) — Unidades Federadas — Bahia (p. 721) — Ceará (p. 721) — Estado da Guanabara (p. 721) — Minas Gerais (p. 722) — Pernambuco (p. 722) — Rio Grande do Sul (p. 723) — Rio de Janeiro (p. 723) — São Paulo (p. 723).

BIBLIOGRAFIA E REVISTA DE REVISTAS: Registros e Comentários Bibliográficos — Periódicos (p. 726) — Relação dos Livros e Folhetos Incorporados ao Acervo da Biblioteca do CNG durante o Ano de 1959 (p. 726).

LEIS E RESOLUÇÕES: Legislação Federal — Integra da legislação de interesse geográfico — Atos do Poder Legislativo (p. 763) — Atos do Poder Executivo (p. 764).

Fonte: *Boletim Geográfico* (1960).

Nas figuras postas, vemos uma capa simples, sem cores ou imagens chamativas para a atenção do leitor, mas que traz menções aos seus principais órgãos: o Conselho Nacional de Geografia e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O sumário se organiza em seções que tratam de transcrições, contribuições à ciência geográfica e ao ensino de Geografia, notícias, sugestão de bibliografias, leis e resoluções.

Issler (1973) afirma que por mais de 30 anos o *Boletim Geográfico* assegurou a difusão de trabalhos de toda natureza, de autores nacionais e estrangeiros. Como público-alvo, destinava-se principalmente aos estudantes de Geografia. Sobre isto Preve (1989, p. 137) afirma “[...] [nos] anos 60 [...] nossos professores incentivavam-nos a comprar os BGs e, entre outros periódicos, este era um dos mais utilizados na execução de trabalhos no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, que concluímos em 1970”.

Após 36 anos de circulação o periódico é extinto em 1978 com a edição de número 259-259 referente ao período de julho a dezembro. Segundo Preve (1989), o motivo para o *Boletim Geográfico* parar de circular se deu por este periódico ser visto pelo IBGE como

duplicação da *Revista Brasileira de Geografia* pelo modo que passa a ser estruturado na década de 1970.

3. METODOLOGIA

Para analisar as prescrições metodológicas para a Geografia no ensino secundário na década de 1960, selecionamos o periódico *Boletim Geográfico* editado pelo antigo Conselho de Geografia atual IBGE e incorporado pela *Revista Brasileira de Geografia* como fonte desta pesquisa. Assim, centramos nossas investigações neste material, que traz em sua composição temas vinculados aos estudos geográficos produzidos no Brasil e propostas metodológicas para o ensino desta ciência, enquanto disciplina escolar.

O trabalho com fontes históricas exige do pesquisador um equilíbrio entre o suporte teórico e a dimensão empírica contida nos temas do periódico. É preciso cautela no trato com a fonte, cuidado e observação quanto aos dados catalográficos. Este aspecto é importante uma vez que o periódico analisado é resultado de diferentes ações de decisões técnicas ou mesmo de posicionamento de ideias de um determinado período (LOPES, 2019).

Prezando pela metodologia qualitativa como suporte para a pesquisa em educação, salientamos que as pesquisas “com apoio na perspectiva histórica” (GATTI e ANDRÉ, 2010, p. 35) vêm crescendo no âmbito nacional. Assim, a metodologia deste trabalho foi realizada por meio de pesquisa qualitativa com o caráter exploratório, e análise documental. Posto isto, realizamos o levantamento e catalogação de 14 artigos do *Boletim Geográfico* publicados entre os anos de 1960 – 1964, os quais tratam sobre o ensino de Geografia no nível secundário, o método de ensino ativo, materiais e planejamento didático.

Segundo Grazziotin *et. al.* (2022, p. 6) “a análise documental histórica é uma perspectiva metodológica que se constituiu como uma das principais vias de construção do conhecimento histórico-acadêmico desde o século XIX”. De acordo com Cellard (2008) a noção de documento estava ligada a textos e arquivos oficiais, mas, no momento em que esse pensamento foi sendo modificado, a ideia de documento passa a ser mais além do que apenas textos e arquivos oficiais. Logo, “documento” deve ser entendido de forma ampla. Godoy (1995 *apud* Junior *et. al.* 2021, p. 41) destaca que estes podem ser entendidos como:

[...] materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes).

Com isso, cabe ao pesquisador sistematizar o seu processo de coleta de informações, assim, selecionando, organizando, sistematizando, dentre outras formas, para que consiga ter bons resultados. Junior *et. al.* (2021, p. 42) evidencia a diferenciação entre pesquisa documental e pesquisa bibliográfica que por vezes são confundidas:

A pesquisa documental não pode e nem deve ser confundida com pesquisa bibliográfica. A utilização do documento nesses dois tipos de pesquisa faz com que elas sejam vistas como iguais, no entanto, elas se divergem quanto à fonte dos documentos, pois a pesquisa bibliográfica tem como foco documentos já com tratamento analítico, na maior parte das vezes publicadas na forma de livros ou artigos.

Partindo dessa perspectiva, buscando ampliar nossa discussão e contemplar os objetivos propostos para o desenvolvimento desta pesquisa, seguimos o seguinte percurso metodológico:

- Levantamento bibliográfico, seguido de leituras e fichamentos da literatura (livros, teses, dissertações, artigos e monografias) que tratam sobre a temática e assim deram direcionamento a pesquisa;
- Consulta ao banco de dados da Biblioteca Digital do IBGE, disponível no sítio <https://biblioteca.ibge.gov.br/> para levantamento dos temas que priorizem o ensino de Geografia abordados pelo *Boletim Geográfico* no nosso recorte temporal;
- Elaboração de um roteiro de análise dos temas abordados no periódico;
- Em gabinete, realizamos uma leitura cuidadosa dos artigos selecionados na busca de informações sobre as práticas e prescrições metodológicas contidas nestes;
- Por fim, se deu a sistematização dos dados coletados e análises.

A partir do uso do *Boletim Geográfico* como fonte de pesquisa alcançamos uma melhor compreensão por parte da complexidade existente no processo ensino-aprendizagem de Geografia no período estudado, observando assim, o contexto histórico em que nosso recorte temporal se encontra inserido. Para isso, foi realizado um levantamento de 14 artigos da revista supracitada, dentre os 14, escolhemos 4 para serem explorados, os quais foram escritos pelos professores Laila Coelho de Almeida, Mauricio

Silva Santos, Murillo Alves da Cunha e Myrthes de Luca Wenzel, os demais artigos estarão disponíveis no Quadro 6.

4. A GEOGRAFIA ESCOLAR E O METÓDO DE ENSINO ATIVO A PARTIR DO BOLETIM GEOGRÁFICO (1960 – 1964)

Neste capítulo apresentamos as contribuições metodológicas que o *Boletim Geográfico* apresenta para a Geografia no ensino secundário, destacando as prescrições a partir do método de ensino ativo.

4.1 A GEOGRAFIA NO ENSINO SECUNDÁRIO

Em 1962, foi publicado no *Boletim Geográfico* o artigo da professora Laila Coelho de Almeida, titulado “Objetivos do ensino de Geografia na escola secundária” (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 167, 1962). Em seu artigo, a professora Laila Coelho aborda a relevância que a Geografia escolar tem para a formação do aluno enquanto cidadão. Ao dar início, ela apresenta três leis referentes a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as quais ressaltam o valor da Geografia enquanto disciplina escolar.

Além disso, é destacado que por meio do ensino da Geografia, é possível formar a consciência patriótica, dimensão em destaque em um período em que se constituía uma ditadura militar. Para a autora, para que a Geografia consiga exercer o seu papel de adaptar o homem ao meio físico e humano, seu ensino deve ser classificado em dois grupos: objetivos imediatos e objetivos mediatos. O primeiro grupo está voltado a consecução de hábitos e habilidades específicas obtidas por meio do ensino e aprendizagem. Porém, “Surgiria ainda uma pergunta: êstes hábitos e habilidades específicos, adquiridos na aprendizagem da Geografia, - poderão ser úteis na vida comum?” (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 167, 1962, p. 213).

Com isso, a própria autora afirma ao dizer que, é possível sim adquirir hábitos e habilidades específicos por meio do ensino da Geografia. A seguir, podemos observar na Figura 3, três pontos destacados pela professora Laila Coelho, que demonstram quando o aluno está habituado ao ensino da Geografia:

Figura 2: Quando o aluno de Geografia se habitua

1 — a consultar um anuário estatístico ou outra obra do mesmo gênero, ele adquire técnicas e habilidades que lhe vão ser úteis ao consultar índices de livros, fichários de bibliotecas ou outros quaisquer, catálogos de origens várias, etc.

2 — a fazer gráficos ou esquemas (densidade de população ou evolução de uma forma de relevo) está adquirindo técnicas e habilidades que lhe vão ser úteis ao desejar anotar uma conferência, explicar a alguém um caminho a seguir, etc.

3 — a fazer um mapa resultante de uma pesquisa cuidadosa dos elementos que ali vão constar (em livros, revistas, etc.) e que não seja apenas cópia do atlas, ele está adquirindo técnicas para, futuramente, saber ir com segurança às fontes das informações de que tiver necessidades, bem como, ao mesmo tempo, consegue hábitos de precisão, limpeza e ordem nos trabalhos que executar. (Note-se que estes fatores também poderão ser conseguidos em outras matérias do curso secundário; cabe-nos somente salientar a contribuição da Geografia, que é bastante eficiente).

Fonte: Boletim Geográfico (n° 167, v. 20, p. 213).

No segundo grupo destacado pela autora, o objetivo mediato, está relacionado a aquisição de atitudes, ideias, interesses e preferências do aluno por meio do ensino da Geografia no nível secundário. Dessa forma, através dessa classificação “o professor de Geografia utiliza esta matéria como um meio que vai, num conjunto de vários outros, fazer com que o aluno atinja o fim básico da educação: integração na vida.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 214).

Além disso, ela ressalta que o papel da Geografia enquanto disciplina escolar no ensino secundário é fazer com que o aluno seja capaz de julgar problemas e decisões, assim, como cidadão, ter conhecimento básico e fundamental do seu país. Desse modo, é destacado pela autora em seu artigo, alguns exemplos de assuntos que, passados em sala de aula de uma forma mais evidente sem o uso de memorização do conteúdo, podem contribuir positivamente na formação do aluno. Com isso,

Embora a interpretação de programas e o planejamento da matéria sejam assuntos que vão ser desenvolvidos em unidades à parte, permitimo-nos aqui uma referência superficial aos mesmos, apenas para aproveitar os itens que possam vir corroborar as afirmações feitas, isto é: a Geografia tem estreita relação com a vida cotidiana e seu estudo bem orientado virá facilitar a aquisição da consciência patriótica e da compreensão internacional. Para isto precisamos lançar mão de alguns exemplos (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 214).

A seguir, podemos observar alguns desses exemplos de assuntos destacados e comentados pela professora Laila Coelho de como podem ser abordados em sala de aula.

Sobre o tema *Produção agrícola (estudo dos solos)*, a autora destaca que é necessário que o professor ressaltar para seus alunos a importância da agricultura para o homem, com isso, é importante destacar que a agricultura é considerada como a primeira

fase para a civilização, por isso que a própria agricultura continua recebendo atenção de técnicos e governantes.

Dessa forma, é necessário que o aluno tenha conhecimento suficiente seja para fazer agricultura, seja para julgar quem executa ou, até mesmo, julgar os governantes que tomam medidas relacionadas a agricultura. Para isso, é fundamental que o professor não leve os alunos para a memorização de nomes de tipos de solos, por exemplo. A própria autora sugere que seria melhor sugerir “[...] que verificasse no Atlas do MEC, um tipo de solo que cubra grandes áreas no Brasil. Receberia depois ligeira noção sobre lateritos. [...]”, assim, teria o conhecimento de que “[...] laterita é aquilo que no Brasil recebeu o nome de canga, localizando-a por exemplo nos chapadões do centro-oeste brasileiro. [...]” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 215).

Portanto, é pontuado que, por meio dessa ideia, espera-se que o aluno tome ciência de que “[...] o homem pode contribuir para o aparecimento desta "lepra pedológica", com a destruição de florestas. [...]” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 215).

Já sobre o tema *Solos agrícolas; esgotamento e conservação*, é destacado que o entendimento de que é necessário haver conservação do solo para que o mesmo não chegue ao esgotamento não é por meio da memorização das classificações dos solos e suas subdivisões. A professora Laila Coelho salienta que usar exemplos reais é mais proveitoso para o entendimento do aluno:

Que melhores assuntos teremos para explorar, por exemplo, que o desflorestamento e a prática da queimada? São problemas êstes tão brasileiros. Quem viaja pelo interior não pode deixar de chocar-se com os claros entevistos, formando verdadeiras feridas no conjunto da vegetação! Quantos caminhões de carvão temos vistos serem embargados pelo serviço competente, para, pouco depois, voltarem a trafegar carregando pedaços mortos de 'nossas matas (carvão)! Mesmo quando a derrubada se faz para atender à agricultura, ainda assim mais prejudicial que benéfica. Após a queimada e umas poucas safras, a produção começa a declinar. Seria o momento de recorrer-se à adubagem, mas o agricultor, mal esclarecido, simplesmente abandona a área para queimar outra mais adiante (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 215 – 216).

Com isso, a autora relata que o homem por não tem conhecimento suficiente, acaba criando grandes desertos, visto que eles queimam partes da roça visando o proveito imediato. Por isso que abordar assuntos como esse de forma clara e aproximando a realidade de cada aluno é fundamental nas aulas de Geografia, tendo em vista que os professores estariam “[...] disseminando a consciência de um problema importante, e, principalmente, mostrando porque é importante; logo, contribuímos para a boa formação cívica dos brasileiros.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 216).

Para o tema *A região Norte (recursos econômicos)*, a autora relata que, geralmente, os alunos terminam os estudos com uma perspectiva de que a região norte é rica e totalmente preparada para a produção de borracha, tendo em vista o grande número de árvores seringueiras presente nas florestas daquela região. Desse modo, o aluno termina ignorando os fatores físicos e as consequências negativas que a exploração dessas florestas pode causar para a sociedade. É nesse viés que a professora Laila Coelho destaca a importância de o professor trabalhar com seus alunos a realidade que está sempre presente em seu dia a dia, abarcando os prós e contras da excessiva exploração do homem com a natureza:

Entretanto, a boa compreensão da situação real iria dar-lhe uma tomada de consciência do problema, verdadeiramente patriótica. Dos estudos da parte física daquela região, deverá ter êle ficado com uma noção clara sobre as dificuldades que a mesma apresenta à vida humana: o professor lhe mostrará, depois, que a produção da borracha, diante do desenvolvimento da indústria, não pode mais estar sujeita à sorte da exploração de seringueiras nativas, num meio físico onde a heterogeneidade das espécies dificulta sua boa exploração: deve haver plantação de árvores selecionadas que levam de 7 a 8 anos para iniciar a produção. Reunindo estes dois fatos (dificuldades do ambiente e demora de produção) o aluno, quando transformado em cidadão, poderá julgar com equilíbrio e acerto, decisões do govêrno (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 216).

Após citar esses exemplos, Laila Coelho vai abordar outros exemplos relacionados a obtenção da consciência humanística do indivíduo. Logo, a autora se questiona “Que oportunidade melhor teremos para dar esta consciência humanística a nossos alunos, que o estudo inteligente do agradável e utilíssimo programa da Geografia dos continentes?” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 217). Posto isto, a seguir, apresentamos um quadro com os conteúdos que foram abordados pela autora para usar como exemplos do que a mesma está debatendo.

Quadro 1: Exemplificação de assuntos para a Geografia no ensino secundário

Características gerais dos continentes. Consequência da localização e forma	o aluno ao comparar as diferentes latitudes em que se distribuem os continentes e países, não vai simplesmente decorar, por exemplo, que a América do Sul e a África são cortadas pelo equador, tendo, pois, terras nos dois hemisférios e que a América do Norte e a Europa ficam apenas no hemisfério norte, tendo a maioria das terras na zona temperada. Ele deverá principalmente ficar sabendo a influência que estes fatos têm sobre os tipos de vegetação ou de solos e as consequências dos mesmos sobre o desenvolvimento econômico do país.
Recursos econômicos minerais. Generalidades.	O aluno, ao estudar este assunto, ao invés de decorar listas de produtos por países produtores, o professor deveria

	<p>mostrar que a industrialização depende de uma série de fatores, alguns dos quais fora do alcance da vontade humana. Seria realçada, então a localização das jazidas minerais especialmente de hulha e petróleo em todo o globo. O aluno com boa ideia da formação geológica, poderia selecionar automaticamente quais os países que tiveram facilidade de industrializar-se e quais as dificuldades e causas justas daqueles que não o conseguiram.</p>
O petróleo	<p>Como o estudo da Geografia tem por objetivo básico um sentido de integração à vida, ao professor cabe ajustar a dosagem dos assuntos estipulados em programas, segundo o desenvolvimento das ocorrências mundiais. Nos dias atuais, por exemplo, dará especial atenção ao problema do petróleo, que explica tantas ações da política internacional. Com isso, durante as aulas, o aluno terá referências sobre matérias orgânicas acumuladas em fundo de mares em épocas remotas; saberá que as possibilidades de existirem estes resíduos em regiões planas são muito maiores que nas regiões montanhosas, pois as montanhas, quando se formam, provocam falhas e fissuras por onde se teria escapado o líquido, etc.</p>
Possibilidades industriais das regiões tropicais	<p>erro frequente, gerado por uma falsa ou superficial orientação dos estudos de Geografia, pensar o homem comum que as regiões de vegetação exuberante são sinônimo de riqueza econômica e, como os países situados nas mesmas são os menos desenvolvidos, forma-se uma falsa crença na incapacidade destes. Entretanto, se, ao invés de decorar classificações estéreis, o aluno tivesse aprendido a ver as florestas tropicais como fator de retardamento, melhor saberia julgar e compreender os problemas decorrentes.</p>
As realizações humanas	<p>Esta valorização do trabalho humano é um dos objetivos mais proveitosos da Geografia. Serão então ressaltados por exemplo: problemas de açudagem; de agricultura de monções; de agricultura com irrigação; das grandes estradas de ferro atravessando altas cadeias de montanhas, através dos passos ou gargantas; da agricultura em terraços, etc. · Cremos haver ressaltado a forma pela qual a Geografia pode atingir a consecução de seus objetivos: uma aprendizagem inteligente, onde os fatos físicos são apenas base (necessária e essencial) para o desenvolvimento humano.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Pudemos perceber que a professora Laila Coelho se preocupava em como a Geografia era abordada em sala de aula no ensino secundário. Em suas prescrições fica nítido que a Geografia ensinada de maneira coerente, pode contribuir na formação do aluno enquanto cidadão e o desenvolvimento da consciência nacionalista e patriótica. Além disso, ela retrata que ensinar Geografia usando o cotidiano e a realidade da

sociedade em que cada indivíduo está inserido, é mais eficiente do que fazer com que os alunos usem métodos de memorização. Para finalizar o artigo publicado no *Boletim Geográfico*, a autora elaborou um esquema para demonstrar os objetivos do ensino da Geografia no nível secundário:

Figura 3: Quadro sinóptico

<i>Objetivos do ensino da Geografia</i>	A. Imediatos
	A1. Aquisição de hábitos e habilidades específicas.
	A2. Métodos de trabalho.
	A3. Transferência de aprendizagem.
	B. Mediatos
	B1. Consciência patriótica.
	B1-1. Papel do cidadão.
	B1-2. Auxílio da Geografia.
	B2. Consciência humanística.
	B2-1. Conceito de humanismo.
B2-2. Funcionalidade da Geografia.	
B2-3. Conclusões internacionais.	

Fonte: Boletim Geográfico (n° 167, v. 20, p. 219).

Tendo em vista essa perspectiva, Murillo Alves da Cunha escreveu um artigo com a temática “O planejamento no ensino da Geografia”, publicado no *Boletim Geográfico* no ano de 1962. Inicialmente, o autor destaca “a necessidade do planejamento” e complementa falando que todos os professores devem elaborar seu planejamento, porém, a maioria dos professores, não criam seus planejamentos a longo prazo, geralmente, é feito pensando apenas para uma semana, o que termina atrasando os conteúdos. Desta forma:

[...] não realizam preparação para todo o ano letivo. Quando faltam seis ou sete aulas para a conclusão do ano descobrem que perderam demasiado tempo em certos pontos, às vezes até de menor interesse, e “correm” com o programa, ditando apressadamente certos tópicos ou “marcando” páginas do livro didático para serem estudados. E pronto! A matéria foi dada ... (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 169, 1962, p. 422).

Outrossim, é salientado que outro defeito do planejamento é a falta de escolha dos assuntos que serão abordados em sala de aula, ou seja, os que devem ser tratadas com maior ou menor ênfase. Dessa forma, Murillo Alves no *Boletim Geográfico* (1962) fala que o professor quando planeja é orientado a pensar com maior cuidado os objetivos gerais e específicos que devem ser alcançados durante a transmissão do conteúdo e que irão despertar a atenção dos alunos. Posto isto, o mesmo afirma:

[...] Sejam mais claros: ao estudar as ferrovias brasileiras, o professor deverá escolher entre dar mais importância à enumeração dos nomes de todas as estradas de ferro do país, com a extensão de cada uma, ou selecionar mais tempo de suas aulas para a explicação dos problemas fundamentais do nosso sistema ferroviário, o que vem sendo feito para superar os defeitos e quais os reflexos das carências deste tipo de transporte para a economia nacional. O bom senso acabará dando a resposta necessária... (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 169, 1962, p. 422).

No segundo ponto denominado como “o espírito para planejar”, o autor expõe que é necessário que se tenha força de vontade para a preparação de um curso por parte do professor. É importante que ao planejar suas aulas, o professor se questione “Isto será útil para os meus alunos? ... Isto estará claro para eles, sem exemplos?... Esperará a classe que eu apresente agora esses conhecimentos? ...” (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº169, 1962, p. 422 – 423). Ao responder essas perguntas, o professor saberá organizar e planejar uma aula direcionada aos seus alunos do ensino secundário, visto que “o plano tem que ser realizado visando sempre, em primeiro lugar, ao interesse do aluno.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº169, 1962, p. 423). Além disso, o autor destaca que é interessante que o professor desperte em seus alunos o interesse pela ciência geográfica, mas que não é saudável que tentem transformá-los em mini geógrafos.

Ainda em seu artigo, Murillo Alves traz um ponto bastante pertinente ao ressaltar que o professor na construção do seu planejamento, deveria apresentar aos seus alunos para que os mesmos possam discutir a respeito do seu plano anual, assim, buscar que os alunos tenham responsabilidade para cumprir o que foi planejado. Podemos analisar que são ideias que procuram tornar os educandos ativos em sala de aula e, principalmente, com a disciplina escolar. Desta forma, o autor supracitado relata uma experiência feita por ele:

Em algumas de nossas turmas experimentamos, inclusive, a distribuição do plano de curso mimeografado contendo em cada unidade didática uma série de perguntas, contradições ou afirmativas que levaram os alunos a pensar no assunto antes da matéria ser ministrada e confessamos que o resultado foi bastante animador (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 169, 1962, p. 423).

Ainda no decorrer de seu artigo, Murillo Alves apresenta mais três tópicos que, em sua concepção, são importantes para a elaboração de um planejamento didático. O terceiro ponto nomeado de “A técnica para planejar”, ele ressalta que existem três passos para serem seguidos: o primeiro é o “plano de curso”, o segundo “plano de unidade didática” e o terceiro é o “plano de aula”. Para cada um deles é apresentado um passo a passo de como devem ser elaborados.

Já no quarto ponto, o autor aborda “os perigos do planejamento”, e alerta que “é preciso, todavia, advertir que um plano não pode ser repetido, ano após ano, sem alterações básicas. O professor deve manter-se atualizado, em dia com as novas interpretações e atento às novas necessidades.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 169, 1962, p. 425). Desse modo, é necessário que seja levado em consideração que cada turma e cada aluno tem diferentes formas de aprender, por isso que é importante que o professor esteja sempre atualizando seus planos de aula. Diante disso, o autor ao citar Gilbert Highet destaca que,

[...] Alguma das melhores lições que já ouvi, foram mesmo conversa sem preparo imediato, quando o professor pôs de lado as suas notas, ergueu-se, olhou a classe sincera e firmemente, passando então a falar sôbre o que estava perto do seu coração, fazendo-nos amar o estudo, mostrando-nos o que fazia e porque fazia. Desde que tenha estabelecido um clima de verdadeira cordialidade com a sua classe, você poderá perceber os momentos em que os alunos estejam aproveitando cada palavra, tendo prazer em ouvir uma citação, ou em participar do ato de pensar; então será do seu dever continuar a tratar do assunto quando possa, e o entusiasmo e a compreensão dos alunos o arrastarão. Mas, no dia seguinte ou na semana seguinte, você deverá voltar ao trabalho regular. Esclareça e resuma aquilo sôbre que tiver passado por alto. Explique cada fase que já tenha assinalado, e verifique se os alunos o estão seguindo de perto. Você é uma guia, não uma pessoa em desabalada carreira, diante deles (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 169, 1962, p. 426).

“Exemplos de planos de curso e de unidade” é o nome dado ao quinto ponto abordado por Murillo Alves em seu artigo, em que apresenta quatro exemplos de planos de curso (planejamento de longo prazo) que contam com os objetivos gerais, objetivos específicos, a quantidade de aulas e as unidades didáticas. Depois apresenta um exemplo de plano de unidade (planejamento de médio prazo) que também destaca os objetivos específicos e uma tabela mostrando a distribuição de aulas, o título das aulas, as atividades docentes, as atividades discentes e material didático. Por último o autor trata um exemplo de plano de aula (planejamento de curto prazo) que podemos observar nas Figuras 5 e 6 a seguir:

Figuras 5 e 6: Exemplo de plano de aula

PLANO DE AULA

Ginásio
 Matéria
 Série 3.^a — Turma A — Ano 1962.
 Unidade II

Título: O PETRÓLEO NO BRASIL

OBJETIVOS:

a) Levar o aluno à compreensão da importância do petróleo na vida moderna, inclusive demonstrando que as grandes potências são aquelas que controlam as jazidas petrolíferas.

b) Mostrar as possibilidades brasileiras neste setor dada a extensão das nossas bacias sedimentares.

c) Dar uma idéia de como apareceu a PETROBRÁS e da grande obra desta empresa em poucos anos. Aproveitar para levar os jovens à idéia da capacidade realizadora dos brasileiros em uma atividade que, até recentemente, nos era desconhecida.

d) Estudar todas as atividades referentes ao precioso líquido e o que já temos no setor de prospecção, perfuração, produção, refino e transporte de petróleo.

MATERIA	Atividades Docentes	Atividades Discentes	Material Didático
Apresentação da aula	Esquema da aula no quadro-negro. Apresentação de gravuras e fotos.	Cópia do esquema.	Fotografias e gravuras.
I — As áreas sedimentares brasileiras	1 — Apresentação de um mapa geológico do Brasil.	1 — Observações do mapa	1 — Mapa geológico do Brasil.
II — O Recôncavo Baiano.	2 — Apresentação de um corte do Recôncavo.	2 — Observações do corte geológico.	2 — Corte geológico do Recôncavo.

436 **BOLETIM GEOGRÁFICO**

MATÉRIA	Atividades Docentes	Atividades Discentes	Material Didático
III — A criação da PETROBRÁS	3 — Explicação da criação da Petrobrás.	3 — Tomada de notas.	3 — Fotos sobre navios da Fronape; torre de perfuração na Amazônia, etc.
IV — Pesquisa, produção, refino e transporte (a FRONAPE)	4 — Apresentação de gráficos e fotografias.	4 — Observação de gráficos e gravuras.	4 — Gráficos da produção e refino do petróleo.
V — Estudo do consumo, da produção e das previsões	5 — Explicação das futuras necessidades do Brasil no setor petrolífero.	5 — Tomada de notas.	5 — Gráfico do aumento de consumo.
Conclusão	A obra da Petrobrás em outras atividades da vida nacional (produção de asfalto, de fertilizantes etc.)		
Trabalho p/ casa (tarefa)			

Fonte: Boletim Geográfico (n° 169, v. 20, p. 435-436).

Isto posto, podemos perceber uma certa preocupação de como abordar os assuntos de forma com que fizessem com que os alunos se destacassem e, de fato, compreendessem o que estava sendo lecionado pelo seu professor. Além disso, é possível observar que os

autores apresentaram em seus artigos, meios e formas de como fazer com que os alunos do nível secundário fossem mais ativos durante as aulas.

4.2 O MÉTODO DE ENSINO ATIVO NO/PARA A GEOGRAFIA ESCOLAR

O professor Fernando Araújo Padilha em um de seus artigos publicados *no Boletim Geográfico*, frisa que “a classe é uma oficina ou laboratório e não um lugar onde se ouvem conferências” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 177, 1963, p. 767). Outrossim, o autor supracitado destaca que,

Êste conceito nem sempre é seguido por aquêles que exercem o magistério. Quantas e quantas' aulas são desperdiçadas em 50 minutos de "discursos", dos quais, pouca coisa ou quase nada é assimilados pelos educandos. As experiências têm demonstrado que o cérebro humano guarda 10% do que ouve, 20% do que lê e 50% do que vê 1. Ora, pelas porcentagens, vemos logo que os 10% referentes à memória auditiva, poderão ficar diminuídos, ao lembrarmos que o adolescente, por mais interessado que seja, terá sua atenção perturbada pelo estado de evolução físico e psíquico por que está passando os 50 minutos se arrastarão penosamente apresentando apenas uma fase de 15 minutos de verdadeira atenção. Nem mesma o esforço de um bocejo, ou o mexer-se constante ria cadeira, poderão livrar o pobre aluno do seu "imponente orador" (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 177, 1963, p. 167).

Sobre abordagens metodológicas que priorizam o aluno como agente ativo no processo de aprendizagem a professora Myrthes de Luca Wenzel publica o artigo intitulado “As atividades extraclasse no ensino da Geografia” na edição de número 175, ano de 1963, do *Boletim Geográfico*. Inicialmente, a autora relata que a escola secundária brasileira não explora o espírito investigador do aluno, assim como a sua capacidade de produzir. Assim, a professora aponta que “o trabalho escolar limita-se, na maioria das vezes, à sala de aula onde a principal atividade do aluno é ouvir atentamente as explicações do professor” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 490).

Percebemos, diante o exposto, que já existia uma preocupação em fazer com que os alunos saíssem da posição de meros ouvintes e, passassem a ser ativos durante as aulas. O professor, por sua vez, deveria ser um mediador, tendo em vista que “ensinar é dirigir e estimular a aprendizagem” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 177, 1963, p. 767). Para Myrthes Wenzel:

A aprendizagem pede um trabalho dinâmico, racionado, experimental que deve ser iniciado em aula para se completar fora da classe através de atividades instrutivas e educativas: as atividades extraclasse, que viriam dar aos alunos, se bem executadas, a oportunidade de empregar as forças que permanecem inativas em seus espíritos e corpos juvenis. Se o trabalho extraclasse é útil em tôdas as disciplinas, pelo seu valor na formação da personalidade do discente

e no aprimoramento de seus conhecimentos, na Geografia, como já fizemos sentir quando interpretamos os programas, êle se torna indispensável. Por seu intermédio conseguimos realizar, verdadeiramente, o contacto do jovem com a realidade, o meio físico e humano que o cerca (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 175, 1963, p. 491).

Partindo desta ideia, a professora Myrthes Wenzel elenca algumas atividades extraclasse visando contribuir ativamente para o aprendizado dos alunos, como podemos visualizar a seguir:

Figura 4: Exemplos das atividades extraclasse

II — *Principais atividades extraclasse*

Entre as atividades extraclasse ressaltamos:

1. o clube de Geografia
2. as excursões e visitas
3. as projeções luminosas
4. o museu geográfico escolar
5. a biblioteca geográfica
6. a imprensa escolar
7. a organização de exposições.

Fonte: Boletim Geográfico (nº 175, v. 22, 1963, p. 490).

É importante salientar que essas atividades foram desenvolvidas e realizadas no Ginásio Municipal Brigadeiro Schort, Colégio Brasileiro de São Cristóvão e Instituto La-Fayette pela própria autora. Desse modo, ela destaca como cada atividade elencada na Figura 7 foram organizadas.

A primeira atividade, o clube de Geografia, foi desenvolvida por um grupo de alunos do Ginásio Municipal Brigadeiro Schort, localizado no bairro de Jacarepaguá, no Distrito Federal. “As primeiras iniciativas foram: promoção de palestras, projeções fixas e móveis, excursões e visitas. Entre estas últimas é digna de menção a visita ao Museu da Quinta da Boa Vista.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 175, 1963, p. 491).

O clube foi criando forma e, aos poucos, crescendo. Os alunos desenvolveram um museu geográfico, fundaram um jornal que ficou conhecido como “Gazeta Geográfica” e um painel de informações em que era feita manutenção semanalmente com notícias, em os alunos da escola levavam recortes de artigos e fotografias de interesse geográfico. Além disso, esse tipo de atividade “[...] exige a colaboração de toda a escola, não só na seleção das notícias, como, também, na conservação do painel” (BOLETIM

GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 492). A seguir, poderemos observar no Quadro 2, como foi realizada a organização para o clube:

Quadro 2: Organização do clube de Geografia.

a) relação dos alunos interessados em participar do quadro social;
b) procura de local para as reuniões;
c) eleições para a diretoria, a qual se constituiu da seguinte maneira: um presidente, um vice-presidente, um secretário e um tesoureiro;
d) elaboração do "Estatuto", feito pelos alunos sob orientação do professor. Do Estatuto constam as atribuições da agremiação e os deveres do quadro do diretor e dos sócios.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A segunda atividade extraclasse são “as excursões e visitas”, a qual a autora vai salientar sobre a sua importância no ensino de Geografia, tendo em vista que é uma atividade que pode proporcionar o contato direto dos alunos com a natureza. De acordo com a professora Myrthes Wenzel:

Excursionando, o jovem correlaciona as atividades escolares com problemas reais; aprende a observar os fenômenos e o significado das coisas; adquire hábitos de estudo, disciplina, solidariedade; desenvolve o espírito de grupo e a capacidade de trabalho de equipe; aproxima-se do professor (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 492).

Desse modo, a autora apresenta um passo a passo do que deve ser feito para que as excursões e visitas sejam realizadas com sucesso. Com isso, antes de tudo é ressaltado que o ponto de partida deve ser por meio do *planejamento e organização*, que é onde o professor vai fazer uma preparação cultural para ter conhecimento do local que irá levar seus alunos, tratar com os alunos o que eles vão “buscar” no campo. Outro ponto destacado é o *material necessário ao tipo de excursão* que os alunos possam levar. O próximo passo do professor é saber o *número de alunos*, nesse sentido, a autora destaca que o número ideal é entre 20 à 25 alunos. O último ponto é o *problema do transporte nas excursões*, nesta questão a autora apresenta 4 medidas que podem ser uma solução para conseguir um transporte para a realização das excursões.

Outrossim, ao dar continuidade, a professora Myrthes Wenzel ressalta a importância das *observações* que devem ser feitas durante uma excursão geográfica escolar, além disso, e mostra alguns exemplos de excursões, deixando sugestões para a organização de excursões com grupos de alunos de colégios de zona rural e de zona industrial, tendo em vista que as escolas que estão situadas na zona rural ou nas cidades

de interior, podem oferecer possibilidades do contato a ambiência. Por fim, ela destaca a importância da *elaboração dos resultados* que devem ser “[...] estimulados pela perspectiva de resumir num relatório tudo o que aprenderam, os jovens observam melhor as coisas e se empenham em reter o que viram e ouviram.” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 496).

Posteriormente, na terceira atividade sugerida pela autora, a mesma fala sobre o “museu geográfico escolar”, o qual é considerado como o que mais tem facilidade de ser elaborado, além de conter um alto valor educativo. Desse modo, a autora supracitada destaca como objetivos dessa atividade:

a) atrair e instruir o educando; b) estimular o amor ao estudo e à pesquisa, o senso de cooperação e solidariedade entre os jovens; c) ensinar a respeitar os objetos de uso comum e a conservá-los; d) oferecer material para ilustração das aulas permitindo contacto entre o ensino e o mundo exterior (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 497).

A ideia do museu é fazer com que os alunos tenham a experiência de poder tocar e conhecer melhor cada peça que seja relacionada a Geografia. Relacionado a isso, a professora salienta que não deve existir preocupações de preservar os objetos, que é necessário que haja esse contato do aluno com o objeto. Além disso, ela ainda destaca que o professor deve orientar, porém, a organização, a arrumação e a manutenção do museu devem ser feitas pelos alunos, tendo em vista que é por meio deste manuseio que:

Os alunos devem perceber logo que os objetos de um museu escolar não valem pela raridade ou exotismo, mas sim pela sua relação com os assuntos do programa. Devem figurar nos mostruários escolares; espécimes de rochas, de solos, blocos-diagramas, maquetas, miniaturas de habitações, de indumentárias típicas, de meios de transporte, fotografias de grupos humanos nos respectivos ambientes geográficos, gráficos, objetos relativos à produção agro-industrial do Brasil e do Mundo, etc. (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 497 – 498).

A quinta atividade extraclasse é “a bibliografia geográfica”. A professora Myrthes Wenzel inicia a sua discussão destacando que é desnecessário falar do valor que uma biblioteca geográfica pode trazer para o ensino de Geografia. Outrossim, ela salienta que não é necessário que se tenha uma sala reservada, especialmente, para a construção da “bibliografia geográfica”, mas que tenha ao menos uma estante com livros, pois “o importante é que os alunos tenham livros para consultar, ou na própria escola ou levando-os para casa” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 498).

A seguir, podemos observar no Quadro 3, um exemplo de como pode ser realizada a organização da bibliografia geográfica, salientando que a proposta é de que tudo deve ser feito pelos alunos sob a orientação do professor:

Quadro 3: As fases para a organização da bibliografia geográfica

1. escolha de um bibliotecário-chefe e outro auxiliar;
2. aquisição de uma estante, mesa, cadeiras (3 ou 4), um fichário, fichas avulsas e livro de registro.
3. obtenção dos livros por doação de alunos, professores, instituições (Instituto Nacional do Livro, centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, livrarias, Embaixadas, etc.).
4. registro dos livros, no "Livro de Registro" 6, no qual figurarão dados sobre a obra (número de registro, autor, título, editor, observações). A finalidade do registro é permitir o controle do patrimônio da biblioteca.
5. classificação dos livros, isto é, determinação dos assuntos tratados (Geografia Física, Humana, Econômica, Geografia do Brasil, descrições, viagens, etc.).
6. catalogação dos livros que consiste na elaboração de fichas de cartolina, a fim de informar o leitor sobre a obra. As fichas deverão conter os seguintes dados: autor, título, lugar da edição, nome do editor, data da publicação, paginação, ilustrações.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

“A imprensa escolar” é a sexta atividade abordada pela professora Myrthes Wenzel em seu artigo. Neste tópico ela traz como exemplo, o jornal que foi desenvolvido no Ginásio Brigadeiro: Schort, idealizado e organizado pelos próprios alunos. Além disso, foi estabelecido que as notícias tratadas no jornal seriam de cunho geográfico e que retratassem problemas sociais.

Outro meio de abordar essa atividade nas escolas é com o jornal mural. A ideia do desenvolvimento do jornal escolar é importante porque pode “1. criar o interesse pela boa imprensa; 2. despertar a curiosidade pela pesquisa; 3. aprimorar os conhecimentos dos alunos.” (BOLETIM GEOGRAFICO, nº 175, 1963, p. 498). Em seguida, no Quadro 4, é possível analisar como foi feita a organização para a criação da imprensa escolar no Ginásio Brigadeiro Schort:

Quadro 4: Organização da imprensa escolar do Ginásio Brigadeiro Schort

1. constituição da diretoria (diretor-redator, diretor-secretário, tesoureiro). Como a idéia surgiu de um grupo de alunos do clube de Geografia o jornal funciona como um de seus setores, poderá, em outros casos, funcionar independentemente, como iniciativas de grêmios ou de classes;
2. elaboração de um plano para organizar as várias secções do jornal;
3. constituição de um corpo de técnicos para a sua confecção: dactilógrafos, desenhistas em stencil, entendidos em mimeógrafo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Posteriormente, no Quadro 5, conseguimos analisar como foram divididas as seções do jornal escolar do Ginásio acima referido:

Quadro 5: Seções do jornal escolar do Ginásio Brigadeiro Schort

a) crônica do mês;
b) curiosidades geográficas;
c) secção sobre problemas regionais do Brasil e assuntos de Geografia do país;
d) secção de Geografia Geral
e) atividades desenvolvidas pelo clube de Geografia e pelo Ginásio, no setor da Geografia, durante o mês;
f) secção recreativa com palavras cruzadas e charadas;
g) parte social (aniversários, passeios, etc.).

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

A última atividade extraclasse apresentada pela professora Myrthes Wenzel, é a “organização de exposição”. A autora vai ressaltar que essas atividades servem como um complemento do que foi ministrado em aula, por isso, a organização de uma exposição pode ser algo interessante porque os alunos vão apresentar, no formato em que acharem melhor, o que conseguiram compreender de um determinado assunto dado em sala de aula. Ademais, a autora destaca que:

Não há valor pedagógico: 1. quando os trabalhos feitos têm por objetivo apenas figurar num mostruário para que os visitantes do fim do ano os apreciem; 2. quando os assuntos tratados não figuram no programa do ano; 3. quando não resultam de um trabalho consciente, produtivo, feito pelo próprio aluno, individualmente ou em grupo; 4. quando tais trabalhos antes de expostos não

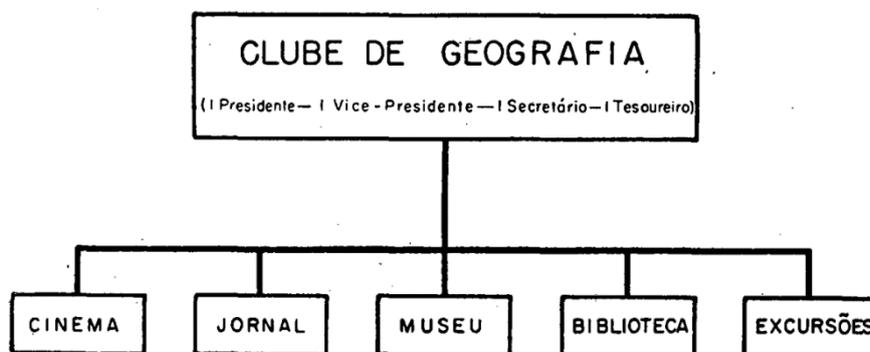
são estudados e discutidos em classe, a fim de que todos lucrem (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 499).

Diante disso, a professora aborda alguns exemplos do que ser criado para as exposições, como: diagrama sobre distribuição de população, mapas e vistas, mostruário de rochas, fotografias, desenhos, dentre outros. Ela ainda ressalta que é importante que o professor não interfira, que deixe o aluno livre para usar da sua imaginação. Por fim, ela relata uma experiência com seus alunos:

A êste respeito temos experiências bem agradáveis, tais como: a confecção de um planisfério de madeira, com a indicação das correntes marinhas, quentes e frias e com um sistema de iluminação a fim de que se pudesse distinguir umas das outras; a construção de um planetário de madeira e metal, com grande engenhosidade, pois notavam-se as distâncias dos planetas e as explicações de seus movimentos (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 499 – 500).

Vale ressaltar que todas as atividades que foram abordadas durante o decorrer do artigo, podem ser realizadas tanto individualmente, como também em conjunto, assim como o clube de Geografia que foi abordado inicialmente. A Figura 8 a seguir mostra um exemplo de esquema do clube de Geografia enquanto atividade extraclasse:

Figura 5: Esquema do clube de Geografia



Fonte: Boletim Geográfico (n° 175, v. 22, 1963).

Ao finalizar, a autora destaca que todas as atividades que foram abordadas por ela, podem ser adaptadas para as condições particulares de cada escola, além disso, a mesma ressalta que podem ser realizadas por meio de um grêmio ou de forma individual, como foi mencionado anteriormente.

Posto isto, é notório que os professores, mesmo que na década de 1960, já procuravam maneiras de quebrar com o ensino em que apenas o professor tem voz em

sala de aula, para transformar a sala em um ambiente em que os alunos também compartilhem seu conhecimento, que aprendam a ter autonomia, que saibam pesquisar e, também, produzir. Logo,

[...] o essencial é que se faça alguma coisa. Os educandos esperam muito de nosso esforço e dedicação. E não nos esqueçamos: é trabalhando, organizando, realizando que os jovens aprimoram e afirmam sua personalidade. Para isso, nada melhor que a atividade extraclasse, quando cuidadosamente orientada pelos mestres (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 500).

O próximo trabalho a ser analisando, trata-se de um artigo em que o professor Maurício Silva Santos apresenta outra metodológica para que o ensino de Geografia fuja da abordagem tradicionalista, a partir do uso de filmes e diapositivos (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961). Em seu artigo, o autor busca discutir a importância do ensino por meio de imagens, tendo em vista que a “aprendizagem é um processo que envolve o campo “biológico” e o campo “psicológico”” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, p. 388).

Assim, se faz necessário que o professor busque explorar todos os sentidos do aluno, para que de fato aprendam o que foi abordado em sala de aula. Caso contrário, ao citar John Dewey, o autor destaca que “ninguém pode dizer que ensinou, quando ninguém aprendeu” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, 388). Desse modo, o uso de imagens nas aulas de Geografia faz-se necessário, visto que é um instrumento de motivação com um grande poder de contribuir durante a transmissão de conteúdo. Além disso, a Geografia é uma disciplina que aborda conceitos como o de paisagem, nessa perspectiva o professor Maurício Silva afirma que,

[...] a Geografia é "o estudo das paisagens", nada melhor e mais compensador do que proporcionar aos educandos visualização das mesmas, ao invés de descrevê-las verbalmente. Uma imagem vale muito mais do que a mais atrativa descrição, feita pelo melhor cronista (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, 388).

Ao dar continuidade, o professor Mauricio Silva destaca alguns pontos sobre o papel da imagem ao afirmar que “dentro do ciclo docente, verificamos que a imagem é de grande utilidade e mesmo de grande necessidade, em se tratando da nossa disciplina, a Geografia” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, 388). Inicialmente, ele destaca que o uso de imagem serve como elemento de *motivação*, tendo em vista que irá prender a atenção do aluno no assunto trabalhado. Ademais, o professor pode usar imagens como meio de problematizar um assunto, provocando debates durante a aula. Outro ponto

destacado é o uso da imagem para a *apresentação da matéria*, uma vez que pode ser utilizada para complementar a fala do professor.

Para a *integração da matéria*, o autor destaca o uso de filmes para correlacionar com o assunto que foi ministrado durante a aula, complementando o entendimento dos alunos com o que foi abordado. Para a *fixação da aprendizagem*, o autor destaca o uso dos diapositivos, o qual, o professor usará como meio de revisão do que já foi visto durante as aulas. Por último, o professor Maurício Silva, destaca a imagem como *verificação da aprendizagem*, tendo como base a demonstração da figura, por isso, é necessário que “o professor formule quesitos que envolvam conhecimento de noções relacionadas com o que fôr exibido” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, p. 389).

À vista disso, o autor afirma que o uso da imagem no ciclo docente é uma arma, porém, é importante que se tenha cuidado ao escolher as imagens que serão usadas durante as aulas, tendo em vista que podem afetar, diretamente, na motivação dos alunos. Isto posto, o professor Mauricio Silva salienta que:

É preciso, pois, ter em mente, três cuidados importantes, no emprêgo da imagem, durante as aulas: 1) escolhê-las cuidadosamente; 2) aplicá-las no momento oportuno; 3) não exagerar no seu emprêgo, para que não passe a ser uma técnica rotineira (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961, p. 389).

O segundo tópico do artigo, elaborado pelo autor, trata dos “tipos de imagens e de aparelhos projetores”. Neste tópico o professor Maurício Silva aborda o assunto de forma mais técnica, como por exemplo, ao falar sobre as imagens transparentes ou diapositivos, o autor traz uma discussão sobre seus formatos, tamanhos e como podem auxiliar nas aulas de Geografia. Dando continuidade, em sua conclusão, o autor salienta que é recomendado aos professores, principalmente, os de Geografia, o uso de diapositivos.

Todavia, o autor menciona que uma desvantagem para aquisição deste elemento pelos professores “é que representa isto um elevado dispêndio de capital por um profissional que ganha pouco”. Contudo, é um material que vale a pena investir, tendo em vista o seu grande potencial de contribuir no ensino de Geografia. A seguir, podemos observar, na Figura 9, algumas das vantagens destacadas pelo autor:

Figura 6: Vantagens do uso da imagem no ciclo docente

- 1 — *aumento da eficácia do professor*, pelas razões enunciadas ao tratar-mos do *Papel da Imagem no Ciclo Docente*;
- 2 — os alunos adquirem *maior interesse pela Geografia*, tornada menos enfadonha e mais *palpável e objetiva*;
- 3 — subtrai, ao professor, o inconveniente de transportar rolos e cartuchos ou maços de gravuras, quando não, grandes e pesados livros; ou livros pequenos, com imagens pouco visíveis por tóda a turma;
- 4 — o ensino *torna-se mais objetivo* com o emprêgo do processo educativo visual, porque:
 - a) diminui o tempo dedicado à *exposição oral* da matéria;
 - b) permite maior tempo para *exercícios, verificações, fixações*;
 - c) facilita o *melhor cumprimento do programa*, tachado de “inexequível” pela maioria dos professôres.
- 5 — Sendo de propriedade do professor, o material em questão pode ser utilizado nos diversos colégios onde êle leciona, da mesma forma que, assim, fica o mestre menos subordinado ao (parco) material existente nos referidos colégios.
- 6 — Finalmente, o emprêgo de filmes, pela sua própria natureza de *seqüência de fatos*, é bastante recomendável, sempre que possível.

Fonte: Boletim Geográfico (nº 162, v. 19, 1961).

Perante o exposto, pudemos analisar que já havia uma preocupação entre os professores, em especial os de Geografia, de como abordar determinado assunto em sala de aula para que fizessem com que os alunos, de fato, aprendessem os conteúdos desta disciplina de forma mais dinâmica e significativa. É importante ressaltar que os professores enxergavam essas atividades como uma forma de complementar as aulas. À vista disso, o professor Mauricio Silva, enfatiza que:

[...] Não dispensam de forma alguma, a atuação do professor que, mesmo na chamada "Escola Ativa", é quem dirige a aprendizagem. É desnecessário enfatizar que não se pode ensinar Geografia ou outra disciplina qualquer, por uma boa, excelente ou magnífica coleção de filmes ou diapositivos" ou mesmo por um álbum completo de discos long-playing gravados pelo mais correto locutor, acompanhado de um fundo musical apropriado. Todos êstes métodos modernos que assessoram o ensino, embora sejam combatidos por detratores que desconhecem a técnica do seu emprêgo, multiplicam, indubitavelmente, a eficiência e a capacidade de trabalho do professor, poupando-lhe o esforço do manejo da classe, ponto do ciclo docente de que mais se queixam os professôres. Angaria, por fim, maior simpatia dos alunos pela nossa disciplina, tida como é, em nosso meio, como uma disciplina de memorização e de relações enfadonhas de nomes esdrúxulos em diversos idiomas, e de dados numéricos mutáveis de um ano para outro (BOLETIM GEOGRÁFICO, nº 162, 1961, p. 391 – 392).

Dessa forma, apresentamos em seguida (Quadro 6), um levantamento de artigos publicados no decorrer da década de 1960, no periódico do *Boletim Geográfico* como contribuição ao ensino, artigos de professores que abordaram propostas didáticas com base no método de ensino ativo:

Quadro 6: Artigos publicados no Boletim Geográfico com abordagem do ensino ativo para Geografia

ARTIGOS	AUTORIA	MÊS	ANO
Notas de didática da geografia	Prof. ^a Eloisa de Carvalho	maio	1960
Didática da geografia	Prof. Arthur Bernardes Weiss	março	1961
Cursos de informações geográficas	Prof. Mauricio Silva Santos	maio	1962
O problema da motivação no ensino de Geografia	Prof. Arthur Bernardes Weiss	maio	1962
Como ensinar geografia?	Prof. James B. Vieira da Fonseca	novembro	1963
O estudo dirigido em geografia	Prof. Fernando Araújo Padilha	novembro	1963
A recapitulação em Geografia	Prof. Fernando Araújo Padilha	novembro	1963
O ensino de coordenadas geográficas	Prof. Fernando Araújo Padilha	novembro	1963
Dinamização do ensino da geografia através de atividades co-curriculares	Prof. Guilherme Dutra da Fonseca	março	1964
O problema da sala-ambiente e do material didático no ensino da geografia	Hilton Federici	julho	1964

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Diante do exposto, é possível perceber como o *Boletim Geográfico* é uma fonte documental rica de escritos importantes e fundamentais para o ensino de Geografia em seu período de circulação. Os artigos aqui apresentados mostram formas de como abordar da Geografia em sala de aula de forma mais dinâmica, sendo o aluno o agente ativo no processo de ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos perceber que os professores que escreviam para o *Boletim Geográfico* durante a década de 1960, preocupavam-se com o modo em que a Geografia escolar era transmitida em sala de aula, tendo em vista o alto potencial de conhecimento desta disciplina escolar, além do seu poder de transformar os alunos em futuros cidadãos críticos e, conseqüentemente, estarão aptos para julgar e compreender as decisões governamentais que podem atingir positiva ou negativamente a sociedade.

Dessa forma, pudemos observar que os professores/autores compactuavam com a mesma ideia de que a Geografia Escolar abordada a partir do método de ensino ativo, pode ser útil para formação do aluno enquanto cidadão. A vista disto, analisamos que a professora Laila Coelho destaca que “[...] o ensino da Geografia é de vital importância à formação do cidadão (para a pátria e para o mundo). Ele vai contribuir para que êste cidadão compreenda o mundo em que vive [...]” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962, p. 212).

Com essa mesma perspectiva a professora Myrthes Wenzel salienta que as atividades extraclasses são uteis para a formação de personalidade dos alunos em outras disciplinas e que “[...] na Geografia, como já fizemos sentir quando interpretamos os programas, êle se torna indispensável. Por seu intermédio conseguimos realizar, verdadeiramente, o contacto do jovem com a realidade [...]” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963, p. 490).

O professor Murilo Alves em seu artigo ressaltando a importância do planejamento, vai abordar a importância do professor ao planejar suas aulas, procurar um método de ensino que contribua para que os alunos compreenda o assunto abordado em sala de aula, “O planejamento será pois arma do melhor efeito contra a improvisação e o melhor método [...], [...] e que saliente sempre os aspectos essenciais, para a melhor compreensão dos problemas [...]” (BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 169, p. 422).

Visando o uso de métodos eficientes para o ensino, o professor Maurício Silva destaca a importância do uso “[...] o uso dos diapositivos e dos filmes no ensino da Geografia. Uma vez posta em uso, tal prática docente permitirá aos professôres a descoberta de novas vantagens decorrentes.” Logo, percebemos que esses professores tinham uma preocupação de como a Geografia era abordada em sala de aula, tendo em

vista que é uma disciplina que abarca temáticas fundamentais que vão contribuir para o conhecimento dos alunos a respeito da sociedade em que estão inseridos.

Posto isto, notamos que o periódico *Boletim Geográfico* era um veículo importante para a formação de professores, tendo em vista que o intuito deste era contribuir para o fortalecimento do conhecimento da ciência Geográfica e da Geografia escolar. Suas prescrições, em especial, as da seção de “Contribuição para o Ensino” na década de 1960, abordavam com frequência as questões de como ensinar Geografia e como usar o método de ensino ativo em sala de aula. Logo, é possível observar que desde o século XX, os professores de Geografia procuravam implementar nas escolas o ensino ativo.

Outrossim, diante desta pesquisa, afirmamos que o estudo historiográfico da Geografia escolar é fundamental para a formação de docentes que estão no curso de licenciatura plena em Geografia, a exemplo do *Boletim Geográfico* que é um periódico que contém informações valiosas tanto para a Geografia escolar, como para a ciência Geográfica. Portanto, perpassar pela história da Geografia, vai enriquecer ainda mais a bagagem de conhecimento de cada discente, uma vez que para compreender o presente, é fundamental ter conhecimento do passado.

A investigação a partir de fontes históricas como os periódicos especializados, se mostra relevante, por se tratar de veículos de circulação de ideias, que acabam por difundir conhecimentos e instruir saberes que são apropriados por determinados grupos sociais. Analisar as prescrições para o ensino ativo de Geografia a partir de periódicos como fonte de pesquisa significa assim acreditar que estes materiais podem nos revelar significativos aspectos da desta disciplina escolar. Para além, periódicos como o *Boletim Geográfico* acabaram por influenciar gerações e gerações de professores.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, V. Era preciso redescobrir o Brasil: As expedições geográficas do IBGE entre as décadas de 1940 e 1960. **Terra Brasilis** [online], n. 3, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/982> Acesso em: Mar./2023.
- ALBUQUERQUE, M. A. M.; *et. al.* **Manifesto**: crítica às reformas neoliberais na Educação prólogo do Ensino de Geografia. 1^o. ed. Marília: Editora Lutas Anticapital, 2021.
- ALBUQUERQUE, M. A. M. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Orgs.). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13 – 30.
- ALVES, L. H.; *et. al.* Análise documental e sua contribuição no desenvolvimento da pesquisa científica. **Cadernos da FUNCAMP**, v. 20, n. 43, p. 51 – 63, 2021.
- ANDRADE, M. C. **Geografia ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.
- BATISTA, B. N. Alunos críticos, ativos, reflexivos: as subjetividades pretendidas pelo ensino de geografia. **Cadernos da Pedagogia**, v. 12, n. 24, p. 79 – 95, jan./jun. 2019.
- BASTOS, M. H. C. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939 – 1942)**: o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.
- CALIL, A. M. G. C.; MENDONÇA, S. R. D. **Formação continuada transformando a realidade**. (Mestrado Profissional em Educação) – UNITAU: Taubaté, 2018.
- CAMARGO, A. P. R. A Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil (1939-1980). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-39, jan./jun. 2009. Disponível em: https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=42 Acesso em: Abr./2023.
- CARVALHO, M. M. C. A Escola Nova no Brasil: uma perspectiva de estudo. **Revista Educação Em Questão**, n^o 21, v. 7, p. 90–97, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8382>
- CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J. *et. al.* **A Pesquisa Qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. [Tradução de Ana Cristina Nasser]. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295 – 316.
- COSTA, A. A.; FARIAS, P. S. C. **Formação Territorial do Brasil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.
- DANTAS, A.; MEDEIROS, T. H. L. **Introdução à Ciência Geográfica**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2011.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. 3ª ed. [Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira] São Paulo: Companhia Editora nacional, 1959.

DIAS, A. M. L. **Revista do Ensino e a Geografia Escolar (1932-1942): inovações educacionais na Paraíba**. 2021. 181 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2021.

GRAZZIOTIN, L. S.; *et. al.* Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudos e percursos metodológicos. **Pro-prosições**, v. 33, p. 1 – 21, 2022.

ISSLER, B. **A Geografia e os Estudos Sociais**. Tese (Doutorado em Geografia e Estudos Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente: 1973. 253 f.

KAROL, E. O Boletim Geográfico do IBGE e a Geografia Política e Geopolítica. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos, 2016. **Anais Eletrônicos...** São Luís: UFMA, 2016. Disponível em: http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467650741_ARQUIVO_OBoletimGeograficoeGeografiaPoliticaeGeopoliticacompleto.pdf Acesso em: Abr./ 2023.

LAMEGO, M. O IBGE e a geografia quantitativa brasileira: Construindo um objeto imaginário. **Terra Brasilis** [on-line], nº 3, p. 1 – 32, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1015> Acesso em: Abr./2023.

LIMA JÚNIOR, E. B.; *et. al.* Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUNCAMP**, v. 20, n. 44, p. 36 – 51, 2021.

LOPES, M. R. C. Boletim Paulista de Geografia (1949-1979): leitura sobre o saber geográfico escolar. In: 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia Políticas, Linguagens e Trajetórias, 2019, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: Unicamp, 2019. p. 907 – 922. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2938> Acesso em: Abr./2023.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da nova escola: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 14º ed. – Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 219 – 237.

MARTINS, A. F. P.; MENDES, Iran A. **Tendências históricas do pensamento didático**, s/d.

PREVE, O. S. D. **A participação do Boletim Geográfico do IBGE na produção da metodologia do ensino de Geografia**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação (UNICAMP): Campinas /SP, 1989.

ROCHA, G. O. R. O Colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia escolar no Brasil Império. **Giramundo**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 15 – 34, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/issue/view/144>>. Acesso em: Abr. 2023.

SANTOS, F. A. **A Escola Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica: São Paulo, 2005. 181 f.

SILVA, J. M. A bibliografia didática e Geografia: história e pensamento do ensino geográfico no Brasil (1814 - 1930). Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: 2012. 394 f.

SOUZA, R. F. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: (ensino primário e o secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

ZANATTA, B. A. Contribuições da Filosofia Educacional de John Dewey para a Geografia Escolar Brasileira. **Revista Educativa**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 47 – 64, jan./jun. 2013. Disponível em: <
<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/47-64>> Acesso em: Abr./2023.

FONTES:

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 12, 1944. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 156, 1960. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 161, 1961. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 162, 1961. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 167, 1962. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 168, 1962. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 169, 1962. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 175, 1963. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 177, 1963. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 179, 1964. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes](#) | [Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.

BOLETIM GEOGRÁFICO, n° 181, 1964. Disponível em: [IBGE | Biblioteca | Detalhes | Boletim geográfico](#). Acesso: jun. 2023.